

IR À GUERRA CONTRA A CHINA POR CAUSA DE TAIWAN NÃO É PRERROGATIVA DE BIDEN

Por Daniel Davis*



Caça Lockheed Martin F-35C no convés do porta-aviões USS Nimitz depois de fazer o primeiro pouso do avião usando o sistema de gancho de cauda, 3 de novembro de 2014 (Mike Blake/Reuters).

Embora Biden se oponha à tomada de Taiwan por Pequim, ele não pode decidir sozinho se os EUA irão à guerra: Segundo a constituição americana, esse poder é do Congresso.

Em uma entrevista coletiva em Tóquio na segunda-feira, o presidente dos EUA, Joe Biden, disse a repórteres que “sim” os Estados Unidos se envolveriam militarmente se a China atacasse Taiwan. “Esse é o compromisso que assumimos”, disse Biden. Se o presidente não repensar sua posição, o Congresso deve intervir para afirmar seus poderes de guerra, porque entrar em guerra com a China – quando a segurança dos EUA não está ameaçada – seria um erro com consequências potencialmente catastróficas para os Estados Unidos.

Embora a Casa Branca tenha tentado retirar seus comentários no final do dia, essa é a terceira vez que Biden faz essa declaração, indicando que ele pode realmente pretender lutar contra Pequim por Taiwan se a China lançar um ataque. Dois antigos críticos de Biden foram rápidos em endossar a declaração do presidente, incentivando Biden a ir mais longe.

O senador Tom Cotton, que muitas vezes entrou em conflito com Biden, disse na segunda-feira que o presidente estava certo e deveria eliminar a política de décadas de ambiguidade estratégica e, em vez disso, adotar a “clareza estratégica”

– o que significa que os EUA defenderiam Taiwan – alegando que “A força militar é a melhor maneira de deter a China.” O ex-general de quatro estrelas Jack Keane foi mais direto, dizendo à audiência da Fox News que o presidente chinês Xi Jinping “precisa entender que, de fato, defenderemos Taiwan”.

Embora seja perfeitamente compreensível que Biden, Cotton e Keane se oponham vigorosamente a qualquer movimento de Pequim para tomar Taiwan à força, há uma pergunta que deve ser respondida antes de qualquer consideração de usar as Forças Armadas dos EUA em uma guerra contra outro estado: qual é a ameaça convincente à segurança nacional americana?

As Forças Armadas não são simplesmente uma “ferramenta” de política, um meio para obter resultados preferenciais. Há uma razão pela qual é chamado de departamento de “Defesa” –as forças armadas americanas existem para defender a América e seu povo, não para usar força letal em qualquer pessoa ou estado que siga políticas que os americanos não gostam (ou até detestam). Aqueles que argumentam que Biden deveria abandonar a política de ambiguidade estratégica e afirmar claramente que os EUA entrariam em guerra com a China se atacarem Taiwan estão deixando de considerar dois fatores profundamente importantes.

Primeiro, se a China lançasse um ataque surpresa contra Taiwan – o cenário mais provável – os Estados Unidos não estariam em pé de guerra e teriam muito pouca chance de impedir Pequim de capturar Taiwan com sucesso. Embora a comparação de poder global cumulativo entre os militares dos EUA e os militares chineses favoreça fortemente a América, o equilíbrio de poder no Estreito de Taiwan favoreceria significativamente a China. Seria tolice Washington lutar contra um exército chinês preparado quando as condições não favorecessem uma intervenção bem-sucedida.

Mas há um segundo fator, possivelmente mais importante, que deve ser considerado: o presidente não tem autoridade para levar os Estados Unidos à guerra. Biden não pode, sozinho, decidir que os EUA devem ir à guerra para defender Taiwan. Como comandante-em-chefe, ele tem autoridade para comandar forças no campo, mas o Artigo I, Seção 8, Cláusula 11 da constituição americana dá expressamente esse poder ao Congresso.

A Lei de Poderes de Guerra de 1973 esclarece que o presidente só pode usar unilateralmente a força militar no caso de um “ataque aos Estados Unidos, seus territórios ou posses, ou suas forças armadas” ou se esse ataque for iminente. Por mais desagradável que possa ser para qualquer autoridade americana, um ataque chinês a Taiwan não atenderia a esse padrão e, portanto, não está dentro da autoridade de nenhum presidente tomar unilateralmente isso contra os chineses. Isso não sugere que Washington deva ser um espectador passivo, no entanto.

Há muitas alavancas de poder que os Estados Unidos poderiam usar para impor custos sérios a Pequim, semelhantes às usadas contra a agressão da Rússia na Ucrânia: bater em Pequim no bolso poderia impor graves consequências a Xi. Mais incisivamente, no entanto, a Casa Branca e o Congresso poderiam encorajar Taipé a agir de forma mais agressiva no provimento de sua defesa.

Já temos a Lei de Relações com Taiwan (*Taiwan Relations Act*) em vigor para apoiar a capacidade de autodefesa de Taipé. Mas também devemos insistir que eles façam todo o possível para prover sua própria segurança com a ajuda que os EUA fornecem. Atualmente não é o caso. O governo taiwanês está atualmente gastando míseros 1,7% do PIB em sua defesa nacional, e algumas de suas unidades de combate da linha de frente estão operadas com apenas 60% dos níveis de tripulação (devido a problemas para recrutar um número suficiente de tropas).

É razoável perguntar: por que os Estados Unidos deveriam arriscar entrar em guerra com a China com armas nucleares em nome de uma nação que gasta tão pouco em sua própria defesa?

Há muitas razões pelas quais é do interesse dos Estados Unidos que a China e Taiwan não entrem em guerra, e devemos ser agressivos na busca de maneiras de evitá-la. Mas, a menos que a segurança nacional dos Estados Unidos seja diretamente ameaçada pela China, é antitético aos interesses americanos se envolver em uma luta que pode se tornar nuclear. Nada vale isso.

Publicado no 19fortyfive.com.

**Daniel L. Davis é tenente-coronel aposentado do Exército dos EUA, tendo sido enviado a zonas de combate quatro vezes. É autor de "The Eleventh Hour in 2020 America".*
